

Espaço Aberto



I vitelloni

Por Nicholas Merlone Ilustração: Milton Costa

Júlio e César se conhecem desde a pré-escola. Frequentavam as aulas assiduamente e não tinham problemas com notas, destacando-se nas provas sem grande esforço. Tinham amigos com quem batiam figurinhas no recreio, corriam até a biblioteca no intervalo escadarias abaixo para pegar o último livro da Bruxa Onilda ou da coleção "Salve-se quem puder", ou ainda para ir à Informática jogar Sin City 2000. Tinham também outros colegas que lhes atiravam giz e bolinhas de papel amassado, mas também esses colegas, nas olimpíadas entre as classes, vestiam a camisa do mesmo time de Júlio e César e , e todos suavam juntos para vencer.

Os anos passaram. As "tias" e as figurinhas ficaram para trás. Muito pó o vento soprou. A timidez com as garotas começou a ser esquecida. O friozinho na barriga superado e deixado somente para o inusitado, para aquelas poucas horas que o despertam sem explicação aparente. Formaram-se. Prestaram vestibular e passaram. Um novo momento se aproximava.

Tiveram namoradas, frequentaram festas das faculdades, chopadas, churrascos, competições esportivas em outras cidades. Viveram a vida acadêmica da melhor forma possível. Como teria de ser vivida. Está certo que demoraram alguns anos a mais para se formarem, mas pelo menos ganharam experiência. Com as garotas de Letras, conheceram a fundo Vinicius de Moraes. Com as de Cinema, a sensualidade de Bertolucci e a sensibilidade de Tornatore em *Cinema Paradiso*.

Nessa fase acadêmica, de novas descobertas e aventuras, os dois sentiam uma grande necessidade investigativa e, portanto, saíam à noite pelas ruas do Mar de Pedras de bar em bar, de esquina em esquina, conhecendo novas *donnas* e tomando fogo. Tentavam descobrir o sentido da vida? Ou seria apenas puro hedonismo? Lembravam *I vitelloni*, de Fellini. Mergulhavam na escuridão e desfrutavam de seus encantos.

Apreciavam alguns prazeres desse mundo caótico, de trânsito e buzinas. Mas não eram hedonistas, no fundo amavam a vida em seus menores detalhes. Até a noite tem poesia. Nela, de madrugada, numa metrópole de milhões e milhões de pessoas, cada uma tem sonhos que se perdem no emaranhado de concreto, e os dois caminhavam pela grande avenida quase vazia, quase silenciosa, toda iluminada.

Olhavam um mar de janelas escuras e acesas, a lua cheia imponente no alto, e embaixo os poucos carros, os poucos transeuntes. Pensavam que, dali a um tempo, amanheceria, e trabalhadores desceriam dos ônibus e saltariam do metrô. E ainda viam o dia vencer a noite, enquanto a Dama se vai e o Rei chega.

Finalmente, tomavam café da manhã numa bela padaria e iam para suas casas, pois no dia seguinte tudo começava de novo: estudos, trabalho, família... Até que a próxima noite os convidasse.